

Escrever para resistir: a relação entre linguagem e poder no filme *Narradores de Javé* (2003)

Francisca Euricleia de Moura Carvalho Moreno
Mestranda em Letras (PPGLE – UEMASUL).
Grupo de Pesquisa Literários e Imagéticos (GELITI).
<https://orcid.org/0009-0004-3942-1141>.
francisca.moreno@uemasul.edu.br

Maria da Guia Taveiro Silva
Doutora em Linguística.
Grupo de pesquisa CNPQ: Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA).
<https://orcid.org/0000-0002-6520-1845>.
maria.silva@uemasul.edu.br

Camila Rodrigues Viana
Doutora em Linguística.
Grupo de pesquisa CNPQ: Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA).
<https://orcid.org/0000-0002-7849-7294E>.
camila.rodrigues@ufma.br

Romilia de Sá Feitosa
Mestranda em Letras (PPGLE – UEMASUL).
Grupo de pesquisa CNPQ: Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA). [0000-0001-7327-7623](https://orcid.org/0000-0001-7327-7623).
romilia.sa.feitosa@uemasul.edu.br

Submetido em: 13/01/2026
Aceito em: 21/02/2026
Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20479



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Writing to resist: the relationship between language and power in the film Narradores de Javé (2003)

Francisca Euricleia de Moura Carvalho Moreno
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil

Maria da Guia Taveiro Silva
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil.

Camila Rodrigues Viana
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil.

Romilia de Sá Feitosa
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil.

Resumo

O presente trabalho trata da relação entre linguagem e poder em obra fílmica, ao se observar a presença de variação diatópica na literatura regional, bem como o cinema pode funcionar como um instrumento de educação visual com potencial sociolinguístico. O objetivo consiste em analisar a relação entre linguagem e poder diante da variação linguística na fala de personagens do filme *Narradores de Javé* (2003), de Eliane Caffé. A obra revela uma potente relação entre oralidade e escrita como forma de legitimar saberes. A justificativa para a realização desta pesquisa está em evidenciar o conflito que mobiliza a importância dada ao único morador de Javé que sabe escrever. Para a construção do referencial teórico, utilizamos Bourdieu (1989), Costa (1996), Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Urbano (2011), Freitag (2025) e outros. Como abordagem metodológica, adotamos a qualitativa, de caráter descritivo e documental. A relevância desta investigação se atribui à possibilidade de contribuir com o trabalho de professores de língua portuguesa, especialmente para os que procuram ensinar variação linguística usando o cinema e textos literários.

Palavras-chave: sociolinguística; linguagem e poder; variação diatópica; cinema.

Abstract

*This work addresses the relationship between language and power in film, observing the presence of diatopic variation in regional literature, as well as how cinema can function as a visual education tool with sociolinguistic potential. The objective is to analyze the relationship between language and power in light of linguistic variation in the speech of characters in the film *Narradores de Javé* (2003), by Eliane Caffé. The work reveals a powerful relationship between orality and writing as a way of legitimizing knowledge. The justification for this research lies in highlighting the conflict that mobilizes the importance given to the only inhabitant of Javé who knows how to write. For the construction of the theoretical framework, we used Bourdieu (1989), Costa (1996), Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Urbano (2011), Freitag (2025), and others. As an approach, we adopted a qualitative, descriptive, and documentary approach. The relevance of this research lies in its potential to contribute to the work of Portuguese language teachers, especially those who seek to teach linguistic variation using film and literary texts.*

Keywords: *sociolinguistics; language and power; diatopic variation; cinema.*

INTRODUÇÃO

O filme *Narradores de Javé* (2003), dirigido por Eliane Caffé, é baseado em fatos reais e apresenta a pequena cidade de Javé, no interior da Bahia. A obra fílmica mistura drama, humor e crítica social, corroborando a valorização da linguagem e da memória, e o uso de ambas como resistência ao preconceito linguístico, além de expor a desvalorização das camadas populares. Nesse caso, a crítica parte do poder dado ao único morador de Javé, Antônio Biá, cuja responsabilidade é registrar a história do povoado, valendo-se da memória dos moradores locais.

A relevância sociolinguística do filme está centrada na oralidade, na escrita e na memória coletiva. Tendo em vista esse aspecto, somos levados ao seguinte questionamento: *Como a linguagem aparece como instrumento de poder e resistência?* Nesse sentido, este artigo objetiva analisar a relação entre linguagem e poder diante da variação linguística na fala de personagens do filme *Narradores de Javé* (2003), de Eliane Caffé, que, como apontamos, destaca a importância da língua escrita e da memória. Os resultados mostram como é possível dialogar com a escrita e a oralidade, possibilitando um estudo que explore a memória como instrumento sociocultural e a linguagem como ferramenta de luta. Para a fundamentação teórica, foram utilizados estudos de Bourdieu (1989), Costa (1996), Lopes (2010), Silva et al.

(2010), Urbano (2011), Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Bagno (1999, 2018, 2021), Ferrarezi Jr. (2014), Freitag (2025), Xavier (2018) e outros.

É importante salientar que esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, documental e descritiva. A relevância desta pesquisa se atribui à possibilidade de contribuir com o trabalho de professores de Língua Portuguesa (LP), especialmente para os que procuram ensinar variação linguística usando textos escritos e cinema, buscando compreender como a memória pode ser um recurso de aprendizagem de linguagem e de literatura, além de destacar a exclusão, o preconceito linguístico e a representação popular.

O trabalho é dividido em cinco seções. No primeiro momento, apresenta-se a introdução, a qual evidencia o *corpus* desta pesquisa, a questão norteadora, o objetivo, os procedimentos metodológicos e o aporte teórico. A segunda seção apresenta a linguagem e a memória como resistências. A terceira seção foca um estudo analítico da fala de personagens, com ênfase na linguagem como ferramenta de resistência. A quarta seção aborda uma análise da variação diatópica presente na obra fílmica. Finalmente, a quinta seção apresenta as considerações finais do estudo.

A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA RESISTÊNCIA DISCURSIVA

A literatura regional busca valorizar características da ambientação, temas sociais e culturais, linguagem regionalista e outros. Dentro da retratação da literatura regionalista, alguns autores nacionais, como Euclides da Cunha, em *Os Sertões*; João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina*; Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, e tantos outros, buscaram colocar a linguagem como instrumento de resistência, preservando a cultura local e a identidade, além de enriquecer a pluralidade e a diversificação nacional.

Em *O Auto da Compadecida*, filme dirigido por Guel Arraes, adaptação da obra do saudoso Ariano Suassuna (2000), a memória é um objeto frequentemente utilizado em diálogos em praças, feiras e igrejas. Nesta obra, por exemplo, João Grilo – um dos protagonistas da narrativa – vive experiências incitadas pela memória. Sabe ler e faz uso desse saber, com criatividade e inteligência, para enganar poderosos.

Inclusive, é realizada uma crítica ao comportamento hipócrita dos personagens letrados.

Nesse contexto, pode-se dizer que a linguagem é uma ferramenta de resistência e coragem. Para o Vale de Javé, ambas importavam, contanto que a memória local fosse preservada; ademais, era válido que a memória fosse documentada por toda a comunidade. No estudo da memória coletiva, segundo Halbwachs (2013, p. 29), “nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas”.

Diante disso, era fundamental que os registros oralizados e memorialísticos escritos tivessem contato com todo o Vale de Javé. Logo, a linguagem configura-se como uma ferramenta de diálogo e partilha desses eventos históricos. É cabível dizer que o filme *Narradores de Javé* (2003) é uma obra contemporânea com teor social e crítico, visto que, como a linguagem pode ser um instrumento de luta, também pode ser de exclusão social, em razão da forma valorizada de comunicação ser unicamente a escrita, pautada na gramática normativa, enquanto a língua falada da comunidade, a oralidade, é invalidada. Sobre isso, Freitag (2025) salienta que,

[a] língua reflete relações de poder. A imposição de uma variedade-padrão como ‘superior’ perpetua estruturas de dominação, manifestando-se na escolha de línguas para a educação, na representação midiática e na marginalização de variedades não padrão. E essa dominação pode custar caro (Freitag, 2025, p. 98).

Assim, na narrativa do filme, há uma valorização da língua escrita padronizada, uma forma linguística dominada, sobretudo, pela elite letrada, detentora do capital linguístico. Soares (2017) discute sobre o capital linguístico, na sua obra *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*, ressaltando que o ensino público no Brasil é direcionado às camadas populares da sociedade, em virtude da legitimação da cultura dos mais abastados nas instituições educacionais, em especial, concernente às formas linguísticas cultas e/ou padronizadas, as únicas aceitas no ambiente de ensino. Podemos entender, assim, que a elite é a detentora do capital linguístico.

Nessa mesma perspectiva, Bortoni-Ricardo (2021) ressalta que significativa parcela dos problemas de aprendizagem de alunos oriundos das camadas populares

advém de uma imposição cultural, especificamente, de um ensino de Língua Portuguesa (LP) baseado na gramática normativa. Nesse caso, a escola estigmatiza, exclui e desvaloriza as variedades não cultas, presentes na fala de falantes pertencentes às classes sociais menos abastadas economicamente.

Em se tratando da literatura, nesse contexto, a linguagem “envolve uma dimensão sociocultural; envolve uma dimensão histórica; envolve uma dimensão estética” (Lopes, 2010, p. 5). Na produção escrita dos narradores, há elementos estéticos que contribuem para uma narrativa memorial de acontecimentos, como, por exemplo, a perspectiva do narrador e a literatura como denúncia e equipamento de luta e resistência linguística, cultural e identitária. Assim, é possível compreender que a literatura não se resume ao ato de resistir ao poder dominante e aos preconceitos de exclusão social, mas de confrontar ideias como “certas” e “erradas” impostas às camadas populares.

Escrever, sobretudo para a área da literatura, requer duas vozes: a primeira refere-se à voz narrativa em terceira pessoa (singular ou plural), comumente centralizada em obras literárias, e a segunda voz é a que se encontra em contraste com a voz 'fílmica', geralmente empregada na primeira pessoa. Isso ocorre porque diferencia as interpretações em como acontece a diegese, pois em terceira pessoa a voz narrativa amplia as informações que estão sendo descritas/lidas. Por exemplo, se Biá escreve a história de Javé em terceira pessoa, isso distancia o leitor ao permitir a autoridade do narrador e a imersão da memória pessoal dos habitantes de Javé, o que revela os sentimentos e as emoções das personagens. Por isso, a memória tem um papel fundamental para a linguagem, pois contribui para a mediação entre o falante e o escritor, visto que é a prática da comunicação que constrói o avanço da interação social, literária e linguística, como bem preconiza Silva et al. (2010), ao dizer que

[...] a linguagem não está restrita ao âmbito da comunicação, mas também ao âmbito da memória. Ou melhor, do registro do movimento que ela realiza na construção de sua história. A memória registra o movimento que o homem efetua na sua historicidade e, simultaneamente, sofre influência das mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento da raça humana. Tais mudanças chegaram ao âmbito dos meios de comunicação, o que propiciou um avanço

significativo nas formas de comunicação. Todos esses aspectos fazem parte da memória humana, ou seja, da sua necessidade de estabelecer comunicação e, acima de tudo, de registrar a produção cultural da humanidade (Silva et al., 2010, p. 2).

Dessa forma, percebemos que a memória consiste na produção de histórias que perpassam o tempo, com originalidade e sem perder o sentido. Um exemplo hipotético: um autor que lançou um livro com vários contos e, durante o lançamento, diz: "Este livro foi inspirado nas memórias que tenho e nas histórias contadas pelo meu avô". Diante disso, é possível perceber que o "livro-documento de Javé" é um produto das memórias coletivas da comunidade local, utilizado não somente para registrar as histórias-relatos, mas para buscar conscientizar os dominantes de que o Vale de Javé tinha memórias e pessoas que valorizavam a cultura local. Isso posto, a linguagem torna-se a produção social de muitas histórias e propósitos:

A linguagem serve a uma grande variedade de propósitos. Um deles é o registro da memória humana. Em outras palavras, o registro das experiências vivenciadas, das ações desenvolvidas por uma sociedade num determinado tempo e espaço. Diante disso, a linguagem não se limita às suas possibilidades comunicativas, o que vai retratar seu caráter sociocultural e não-individual (Silva et al., 2010, p. 5).

É fato que o ser humano desenvolveu habilidades comunicacionais, como gestos, imagens e experiências vividas. Diante do exposto, cabe mencionar dois personagens da obra fílmica: Daniel, que teve uma experiência traumática na infância, na qual viu o pai matar uma pessoa; e Maria Teodora (Deodora), que faz um resgate memorial afirmando ser descendente de uma heroína chamada Mariadina, cujas demarcações do Vale de Javé foram feitas pela heroína. Ambos os relatos das personagens reafirmam situações individuais, mas que se aproximam por meio da memória coletiva sobre a construção do espaço em que vivem, verbalizados pela língua falada e registrados pela língua escrita.

LINGUAGEM EM AÇÃO

Para compreender a importância e a valorização da linguagem, partimos para

o estudo do tópico: linguagem. Como mencionamos na seção anterior, a memória é o resgate, a revivência de ações individuais e/ou compartilhadas. Por isso, em *Narradores de Javé* (2003) essa importância é traçada pela valorização cultural e identitária das personagens, por meio da memória e da linguagem como símbolo de resistência. Em consonância a isso, Bourdieu (1989, p. 8) discute, em seu livro *O poder simbólico*, de 1989, o poder simbólico nas estruturas sociais, que comporta a “arte”, a “religião” e a “língua”. Para o autor, o poder simbólico trata de um tipo de conformismo humano, pois há uma aceitação e o não questionamento das estruturas impostas na sociedade. Em relação à imposição da língua padronizada nas escolas, como bem delineiam Bortoni-Ricardo (2021) e Freitag (2025), Bourdieu enfatiza que,

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento dessas distinções (Bourdieu, 1989, p. 10).

Nesse contexto, percebemos que no filme *Narradores de Javé* (2003) há a ideologia de que a língua escrita padronizada é superior à língua oralizada não culta. Por isso, o personagem Biá consagra-se como o salvador do Vale de Javé, em razão de dominar a linguagem escrita. Cabe enfatizar, ainda, que no mercado linguístico, termo cunhado por Bourdieu, tem valor elevado aquilo produzido pela elite que, nesse caso, é a posição social do indivíduo, os capitais que detém, sejam “econômicos, culturais, sociais e simbólicos presentes no seu mundo” (Girardi Jr., 2017), que ditam o seu valor no mercado simbólico e/ou linguístico.

Freitag (2025) apresenta uma concepção semelhante ao salientar que a desvalorização das variedades sem prestígio é ocasionada não pela língua, mas sim pela classe social a que o falante pertence. Nessa circunstância, o Vale do Javé não será salvo por Biá, pois, apesar de dominar a escrita, sua produção apresenta valor irrisório no mercado linguístico, não sendo levada em consideração pelas autoridades, em decorrência da classe social que ocupa. Dessa maneira, Biá tenta utilizar a linguagem como forma de resistência e ação em memória do local ameaçado, mas

não consegue em virtude de não deter capital linguístico de valor no mercado linguístico.

É notório, portanto, que o foco narrativo do filme tem fundamento na memória, no analfabetismo e no poder da linguagem, em especial, da língua escrita padronizada, como também das relações de supremacia estabelecidas entre classes sociais pelo uso da língua. Nesse cenário, diversos estudiosos da sociolinguística tentam demonstrar que todas as formas linguísticas, sejam cultas ou não, devem ser legitimadas, respeitadas e valorizadas, principalmente, nos ambientes de ensino. Por exemplo, Bortoni-Ricardo (2021) salienta que nesses locais ocorrem com mais frequência episódios de preconceito linguístico. Tal problemática advém, conforme Costa (1996, p. 51), de uma “crença em uma língua estática e imutável”, baseada na “normatividade da gramática tradicional”. Essa crença, segundo a autora, impregna-se, especialmente na “língua escrita”, vista como “mais pura, mais bonita e mais correta do que qualquer outro tipo de linguagem”.

Não obstante, para Urbano (2011, p. 11), a comunicação, precipuamente a língua falada, está relacionada à memória, logo “trata-se de uma verdadeira experiência frasal”, o que resulta na valorização da observação da memória coletiva e da interação social. A comunicação é o processo, cuja mensagem parte de um emissor, um receptor e um canal. No filme *Narradores de Javé* (2003), há todos esses elementos, uma vez que Biá é o receptor, os moradores de Javé são os emissores e o canal é a voz, mas é importante ressaltar que a memória, nesta teoria, é a ferramenta para que todas as partes sejam trabalhadas.

A memória coletiva, como relevância, nesse contexto, está voltada para as lutas do povo nordestino que, na obra fílmica, é enfatizada pelos moradores. Isso é destacado na fala de Dona Zulmira, uma das moradoras do Vale de Javé, durante a narração da história para Biá, a exemplo da cena:

DONA ZULMIRA: Pois eu lhe digo, moço... Javé num nasceu assim de uma hora pra outra, não, senhor. Aqui foi tudo na base da luta, na coragem *dos cabra trabalhador*. Diz que foi o velho Zé Vicente quem primeiro chegou por *essas banda*. Ele veio fugido, atravessando mato, rio e serra. E quando botou os pés aqui, olhou pra esse pedaço de chão e disse: “Aqui vai ser meu mundo.”

BIÁ: E como foi que o povoado cresceu, dona Zulmira?

DONA ZULMIRA: Ôxente, foi um chega pra lá, um puxa daqui... O povo foi chegando, plantando mandioca, criando galinha, fazendo casa de taipa... Num tinha luxo não, viu? Mas tinha muita fé e muito braço forte.

BIÁ: E é verdade que teve uma briga grande por causa das terras?

DONA ZULMIRA: Eita, meu filho, isso foi um furdunço danado! Um dizia que era dono, outro que era herança do bisavô... E até hoje, se perguntar, cada um conta de um jeito. Aqui, história vira é novela de boca em boca, *visse?* (*Narradores de Javé*, 2003).

A apresentação rememorativa de Dona Zulmira a Biá exalta as características de função da linguagem na fala da personagem. Em razão do que foi exposto, avançamos para o seguinte tópico: O funcionalismo linguístico. As funções da linguagem estão ligadas a processos que auxiliam o receptor a entender a mensagem, por exemplo, na fala de dona Zulmira, quando exprime a função de enfatizar algo "... *Num tinha luxo não, viu?*", "*Eita, meu filho, isso foi, foi um furdunço danado!*" e "*Aqui, história vira é novela de boca em boca, visse?*". É notável que o objetivo é deixar clara a mensagem nos termos "... *viu?*" e "*visse?*". Tais expressões, embora estejam finalizadas com ponto de exclamação, não têm a finalidade de que se obtenha uma resposta, mas a confirmação do que foi posto.

Urbano (2011) afirma que "nos estudos analíticos da conversação, na medida em que são quase ou totalmente vazias de sentido, mas facilitadoras da comunicação, sobretudo na conversação, muitas dessas expressões são conhecidas como **marcadores conversacionais**" (p. 18, grifo nosso). Esses marcadores são usados para organizar o fluxo da conversa, contribuindo para um diálogo compreensível que pode ser atribuído à escrita.

Na obra *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*, de Bortoni-Ricardo (2004), a autora discute como a variação linguística se manifesta. Por exemplo, a variação diatópica é um tipo de variação linguística relacionada à região geográfica. Bortoni-Ricardo (2004, p. 33) enfatiza que "toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário". A variação diatópica, que ocorre em diferentes contextos e/ou situações, é bastante presente nessa função, a exemplo das palavras *cabra*, que se refere a uma pessoa, a um sujeito,

indivíduo; *banda*, que se refere a lugar; e *furdunço*, que está relacionada a uma grande confusão ou briga.

Palavras como essas são estigmatizadas e, portanto, tomadas como um “erro”. Contudo, essas formas linguísticas são responsáveis por uma comunicação eficaz, uma vez que permitem que os falantes se entendam e produzam adaptações à comunicação, conforme o contexto específico. Confiar a Antônio Biá toda a história de Javé não seria apenas registrar a memória e aplicá-la ao papel, mas valorizar a linguagem local exprimindo as funções da língua e a cultura do povo, embora Biá usasse de muitos neologismos como uma criatividade viva da língua. Nessa conjectura, é importante ressaltar que,

[se] essa regra é tida como “errada”, é simplesmente porque ela é diferente da regra única, categórica (e, muitas vezes, anacrônica), imposta pela tradição gramatical normativa, que se baseia exclusivamente nos usos linguísticos de uma elite de falantes mais letrados (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 9).

Por isso, uma das formas de combater o preconceito linguístico é, inicialmente, evitar o uso da expressão “norma-padrão”, porquanto o termo “padrão” sugere algo fixo ou, até mesmo, um código a ser seguido, com o objetivo de unificar, por meio de determinada regra, aquilo que se tem como “certo”. Em contrapartida, a expressão norma culta tolera falas cotidianamente usadas, permitindo que a variação linguística transite na comunicação. Para as camadas privilegiadas, por exemplo, o termo *caba* é “errado”, pois não há um R separando a consoante B da vogal A, que, com a inclusão do R, fica *cabra* (como mostrado acima no exemplo da fala de dona Zulmira). No entanto, existem duas maneiras de referir-se ao sujeito, mas, dependendo do contexto, os termos citados mudam, como exposto no quadro abaixo:

Quadro 01 – Contexto de *cabra/caba*

<i>Cabra</i>	Pessoa, sujeito, indivíduo. Ex.: Ah, <i>cabra</i> valente! (Este termo é genérico e pode ser aplicado a ambos os gêneros dependendo do contexto. No contexto feminino pode ser usado de forma irônica ou regional).
---------------------	--

<i>Caba</i>	Restringe-se apenas ao gênero masculino. É uma expressão produzida por falantes nordestinos, de uso mais local. Ex.: Caba da peste!
--------------------	--

Fonte: Autorial (2026).

Do mesmo modo, esta pesquisa não se aplica apenas ao estudo da ausência do R, mas sobre a aplicação dele em palavras como *grobo*, *praneta*, *probrema*, *grória*, os conhecidos rotacismos, um fenômeno sociolinguístico presente em regiões rurais e centros urbanos, recorrente na fala de falantes com menor escolarização (Coelho et al., 2018). Em relação às formas linguísticas estigmatizadas, como as citadas anteriormente, Bagno (1999, p. 40) afirma que esta forma de falar “[...] é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

As camadas privilegiadas aplicam esse estigma às camadas populares com a justificativa de que não estudam e não têm conhecimento do “português certo”, principalmente quando a mudança ocorre nos sons das palavras, a exemplo do rotacismo, fenômeno sociolinguístico citado nesta seção. Eckert (2022, p. 276-277), em seu artigo “As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística”, enfatiza que “as mudanças sonoras correlacionam-se com o pertencimento a uma categoria social ao invés de pertencimento à classe de qualquer um dos pais [...]”, o que significa dizer que a língua evidencia “dinâmicas locais enraizadas em práticas e ideologias que moldam e, por seu turno, são moldadas por classe” (p. 277). Portanto, conclui-se que se trata de um comportamento, cujo preconceito é social e está atrelado ao desinteresse pelo conhecimento da variação linguística, considerada pela autora um “marcador social”.

O fato de o único morador alfabetizado de Javé ser Antônio Biá, que outrora fora expulso do Vale e depois recrutado para a “missão” de *escrevinhar*¹ a história de Javé, confere a ele poder e o legitima a ser o responsável por “fixar” as *lembranças javélicas* em documento. Contrariamente, Biá não o faz, pois acredita que tal missão não seja relevante, como podemos ver no trecho abaixo:

¹ Termo utilizado na obra fílmica, a fim de notificar a todos o que Biá fará pela comunidade de Javé.

[...] Quanto às histórias tais, melhor ficar na boca do povo porque no papel não há mão que lhes dê razão... (Narradores de Javé, 2003).

Biá não desvaloriza a memória, as histórias, porém, são fantasiosas, e isto simboliza – para ele – a insuficiência da escrita em representar fielmente as experiências vividas. O processo comunicativo é a atividade que o falante aplica ao agir, resultando em uma habilidade básica e, por isso, é importante para o desenvolvimento da linguagem. Afinal, “ler sem escrever, ouvir sem falar, falar sem escrever, escrever sem ouvir, etc. são formas compartimentadas e ineficientes de trabalhar a comunicação” (Ferrarezi Jr., 2014, p. 67). Para Biá, certamente, era necessário que ele soubesse a história de Javé, mas, para isso, a comunicação entre o receptor (Biá) e o emissor (comunidade) se fazia essencial. Nesse caso, as habilidades mencionadas por Ferrarezi Jr. (2014) elencam a completude da fala.

Falar é um ato de resistência que pode sacudir estruturas sociais, por isso os moradores do Vale de Javé acreditavam na escrita de Antônio Biá. Uma vez que escrever é denunciar um silenciamento imposto sobre as camadas populares, há aí um diálogo com o princípio da dimensão cultural, cujo modo de pensar, as crenças, as tradições e os valores, sobretudo a língua, apresentam relação. As águas não inundaram apenas Javé, mas toda a história de um povo. O problema se encontra, no entanto, como mencionado anteriormente, na ausência de valor atribuído ao escrito de Biá, personagem alfabetizado, mas pertencente à camada popular, assim como os demais personagens moradores de Javé. Nessa perspectiva, como bem afirma Bourdieu (1989, p. 12), “as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação”, enquanto “a fracção dominada [...] tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição [...]”.

Sobre a linguagem escrita padronizada, na Figura 1, Zaqueu, um dos personagens iniciais da trama, afirma em diálogo que a escrita pode ser importante ao ponto de fazer um *rebuliço*. Isso dá existência à ação da escrita e, conseqüentemente, à da leitura:

Figura 1 – Considerações de Zaqueu sobre a escrita



Fonte: Captura de tela do filme *Narradores de Javé*, 2003.

O comportamento de Zaquel reverbera a memória do povo de Javé, por isso, de maneira indireta, a obra recorre à metalinguagem. Mas o que isso significa? A metalinguagem é o uso de um sistema de signos que utiliza a linguagem para falar de si mesma. A metalinguagem utilizada por Zaqueu ao contar a história que será posta em um “livro” mais tarde é o código de reconhecimento da linguagem como prática. Em outros termos:

Nós usamos a língua para falar da língua, seja usando ideias de senso comum (“a juventude de hoje tem um vocabulário pobre e fala muito errado!”), seja usando termos técnicos (“em latim, o sujeito da oração se expressa no caso normativo”), nas demais ciências, os estudiosos criam uma metalinguagem, isto é, um conjunto de termos com definição bem precisa para organizar sua área de conhecimento. No caso do linguista, porém, a língua é a sua metalinguagem (Bagno, 2018, p. 10).

Dessa forma, é possível constatar que a linguagem é o ambiente no qual estamos, pois, mesmo como *viajantes*, a exemplo de Biá, ainda ocuparemos espaço para ser a língua e falarmos dela.

Embora Biá seja o único alfabetizado do Vale de Javé, ele deseja alterar algumas informações, uma vez que há várias interpretações da história local, ao dizer:

Uma coisa é o fato acontecido; outra coisa é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado no escrito, de forma melhor, para que o povo creia no acontecido (Narradores de Javé, 2003).

Todavia, Biá usa de escapismo a ausência de interesse nas histórias para fugir do ambiente de escrita, quando afirma:

[...] O que nós somos é um povinho desmilinguido que quase não escreve o próprio nome, mas inventa histórias de grandeza pra esquecer a vidinha rala, sem futuro nenhum! (Narradores de Javé, 2003).

Escrever, também, é um ato de persistência/resistência, mas Biá sentia menosprezo pelas histórias contadas pelo povo, pelas memórias distintas, cujas narrativas poderiam documentar a importância do local e da memória da comunidade de Javé. Ao ignorar versões marcadas pela oralidade, pela imaginação e pela experiência coletiva, Biá negligenciava o potencial dessas narrativas de documentar a importância do lugar e de preservar a memória local.

A EXPERIÊNCIA DO CINEMA COMO PRESERVAÇÃO DAS VOZES POPULARES

O cinema constitui um espaço privilegiado de construção, valorização e difusão de narrativas humanas e sociais. Na obra fílmica, os personagens não apenas representam a história local e a realidade inscrita no espaço cinematográfico, como também evidenciam a relevância das relações sociais na constituição e na preservação da memória coletiva.

Nessa perspectiva, o cinema rompe com a ideia de entretenimento, afirmando-se como instrumento de valorização da linguagem, cultura e memória, cuja ferramenta é capaz de resistir ao tempo problematizando acontecimentos, reinterpretando fatos e documentando eventos históricos. A obra de Caffé (2003) repousa sobre a construção do reforço à identidade local, mostrando que a oralidade é um elemento de preservação da memória coletiva.

O cinema contribui para esta construção de fatores, uma vez que “o cinema supera as formas do mundo exterior e ajusta os eventos às formas de nosso mundo interior (atenção, memória, imaginação e emoção)” (Xavier, 2018, p. 18). Essa é a

experiência singular que o cinema é capaz de proporcionar, que o torna uma forma de arte tão potente e transformadora. Nas imagens do local de *Narradores de Javé*, o espaço assume o papel de protagonista, enquanto personagens como Biá tornam-se detalhes dentro da narrativa, inseridos em meio à paisagem e à memória coletiva que a história busca preservar. Isso se explica porque o ambiente em destaque é foco central da trama, como evidenciado na Figura 2:

Figura 2 – Biá, um (plano) detalhe



Fonte: Captura de tela do filme *Narradores de Javé*, 2003.

Na Figura 2, Biá deixa de ser um personagem dominante sob uma perspectiva fílmica denominada como “plano ambientação”, porquanto o espaço torna-se protagonista, mesmo que por instantes, direcionando o olhar do espectador e conferindo significado à narrativa. Entretanto, é cabível salientar que a força da obra também se manifesta na linguagem dos moradores, marcada pela variação diatópica. No recorte apresentado, o poder se manifesta no espaço, pois a árvore centralizada é o “personagem” dominante do enquadramento, ao funcionar como um marco de autoridade comunitária, lugar de união e de escuta, além de diálogos sociais. Não se tratando, dessa forma, de poder institucional, mas do poder da oralidade, da memória e da narrativa local.

Os moradores que falam sobre esta árvore reivindicam legitimidade para contar a história do lugar e, portanto, lembrar-se de eventos históricos. O espaço,

assim, confere centralidade aos moradores (e não apenas a um) como sujeitos da própria história, por isso o cinema possibilita o preparo do espectador para um espaço em que a língua não é homogênea, mas plural, e que rompe com a norma culta como único parâmetro de valor linguístico.

A VARIAÇÃO DIATÓPICA PRESENTE NO FILME

No filme *Narradores de Javé* (2003), a variação linguística está presente, sobretudo a diatópica, o que significa que a língua varia conforme o local geográfico. A obra se passa na região Nordeste, conseqüentemente, essa variação reflete a identidade social e cultural dos falantes. Desse modo, no filme, podemos identificar alguns exemplos desse estudo sociolinguístico evidenciados no vocabulário regional e nas construções linguísticas, a exemplo do uso do *muié*, *ocê* e outros.

O pronome de tratamento “ocê” está marcado em várias cenas do filme. Em momentos iniciais do longa-metragem, o líder da comunidade, Zaqueu, em pronunciamento, faz uso do pronome de tratamento a fim de advertir o povo a documentar a história local, como explicitado na Figura 3:

Figura 3 – Zaqueu e o uso de *ocê*



Fonte: Captura de tela do filme *Narradores de Javé*, 2003.

É importante mencionar que o termo “ocê” é um indicador não monitorado, o que significa que não se restringe apenas às localidades rurais ou às camadas populares, pois até mesmo os privilegiados academicamente fazem uso desse pronome de tratamento no dia a dia, derivação das formas de tratamento *Vossa*

Mercê, que deu origem a *vosmecê* e chegou a *cê*. Assim, o pronome foi sofrendo “aglutinações e erosões fonéticas” (Bagno, 2021, p. 246). Além disso, outras falas de Vicentino mostram esse uso popular e regional, como ocorre com a variante “muié”:

Essa **muié** é daquelas que não se entrega fácil não (Narradores de Javé, 2003).

Essa perda do dígrafo **LH** (da lateralidade), em algumas palavras, não ocorre apenas nos verbos, mas também em substantivos, como na fala acima, de Vicentino, um dos personagens da trama. Tal fenômeno sociolinguístico é nomeado por Urbano (2011, p. 101) como “Feição vulgar e/ou regional”, conhecido também como “Iodização”, “perda das palatais”. Bortoni-Ricardo (2004, p. 57) afirma que essa fala é “típica do polo rural”, não configurando-se como um erro, uma vez que a variação linguística vai além de uma “consequência incidental do espaço social”, ela, portanto, é “um sistema semiótico social capaz de expressar a gama completa de preocupações sociais de uma comunidade”, como afirma Eckert (2022, p. 279).

Isso se destaca na fala de outras personagens, como, por exemplo, as das personagens Vado e Deodora, que, durante a discussão, debatem sobre um contraste linguístico: *fugida versus retirada*.

DEODORA: ... era guerra contra a coroa. Mas o fato é que a nossa gente saiu **fugida**...”

VADO: corrigindo de forma enfática: “Fugida não, senhora! Eles saíram e **retirada**... Fugido é quando os homens dão as costas pro inimigo e saem correndo, acovardado. Retirada é diferente; aí os homens vão saindo de marcha-ré, devagarinho, mas com a cara voltada de frente pro inimigo! (Narradores de Javé, 2003).

No trecho acima, é possível perceber o consciente linguístico oral que contribui para o desenvolvimento do diálogo. As personagens não estão discordando do significado das palavras, dando importância ao contexto linguístico dos termos *fugida* e *retirada* para aplicarem ao contexto histórico. A crítica de Vado, nesse viés, está na utilização da variante regional “fugida”, vista pelo personagem como uma palavra incorreta que deve ser substituída pela variante culta “retirada”. Por isso, ele “corrige” Deodora. O trecho da fala de Zaqueu, a seguir, também evidencia variantes regionais socialmente estigmatizadas:

ZAQUEU: ... Dexe o homi. Dexe o homi! Pode dexá o homi! Dexe, gente! Nós não tinha combinado?...

Vamo fazer as coisa direito... Taí a prova da sua ladinagem. As carta futriquentas que cê espalhou pela região! Nas mia andança, eu consegui recuperar um bocado delas... (Narradores de Javé, 2003).

Na fala de Zaqueu, há reduções fonéticas de palavras, como nas variantes “dexa” e “homi” (deixa e homem), e, sobretudo, saliência fônica ou ausência de concordância em “nós não tinha combinado?”, ao invés de “Nós não tínhamos combinado?”, “Vamo fazer as coisa direito”, em oposição a “Vamos fazer as coisas direito” e “As carta...”, ao invés de “As cartas...”. Bortoni-Ricardo (2004, 2021) e Urbano (2011) salientam que a variação linguística acontece com frequência nos níveis fonológico e morfossintático da língua, não significando, assim, “erros”, mas seu caráter dinâmico, com suas formas linguísticas diversas. Portanto, corroboramos com Costa (1996, p. 54), ao afirmar que todas as formas linguísticas cultas e não cultas “são igualmente perfeitas”, pois apresentam lógica. Nesse caso, conforme a autora, há uma atribuição de “valores negativos” às variantes utilizadas por falantes de camadas populares. Isso pontua uma luta de classes arraigada pela variação existente na língua, explicita Eckert (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível identificar que, na obra fílmica *Narradores de Javé* (2003), a relação entre linguagem e poder é evidente em cada cena. A construção das falas e o pensamento das personagens pela busca de um documento que salve o Vale de Javé estão relacionados à linguagem e à resistência. A preservação do patrimônio imaterial do local também é a preservação da memória e identidade de cada habitante do Javé.

Esta pesquisa contribui com a ampliação/qualificação do trabalho dos professores de língua portuguesa, uma vez que trata de análises sociolinguísticas em sala de aula ao incluir no processo de ensino textos literários, cinema, poesia etc. O estudo da linguística, especialmente da Sociolinguística, está presente no dia a dia. O homem é a língua e este homem faz uso dela para exprimir emoções e usá-la como

ferramenta de luta. Em sala de aula, para combater o preconceito linguístico, é preciso apresentar a pluralidade linguística, englobando também aspectos da identidade e da cultura de estudantes pertencentes às camadas populares.

Dessa forma, a contribuição desta pesquisa para a sala de aula possibilita discussões sobre variação diatópica como fenômeno natural da língua, combatendo o preconceito linguístico e mostrando que todas as variedades têm valor comunicativo e cultural, além de fazer uso do cinema como instrumento de experiência que permite transformar a sala de aula em espaço de reflexão e diálogo.

Ademais, o filme *Narradores de Javé* (2003) evidencia a memória coletiva como um eixo fundamental. Ao unir linguagem, memória e resistência, foram levantados temas importantes sobre a cultura de um povo e a identidade local, discutindo como a oralidade tem um papel importante. Dessa forma, vale ressaltar que o único morador alfabetizado de Javé não poderia documentar uma história sozinho, uma vez que todas as histórias, embora imaginativas, construíam uma comunicação capaz de defender a legitimidade local. A língua desempenha a função de instruir o que a memória tem a capacidade de colocar no papel. Cada habitante, assim como cada professor e aluno, pode dialogar sobre os falares, possibilitando, desse modo, uma discussão relacionada à variação linguística, ao compreender que todas as vozes e formas de falar merecem respeito e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W. E.; LUCENA, K. G. M.; TENÓRIO, A. C. Literatura de Cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. **Raído**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 303–322, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/603>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ARRAES, G. **O Auto da Compadecida**. Brasil: Globo Filmes, 2000. (110 min).

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2018.

- BAGNO, M. **Não é errado falar assim!:** em defesa do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2021.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Português brasileiro, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2021.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. Lisboa, Portugal: Editora DIFEL, 1989.
- CAFFÉ, E. (Dir.). **Narradores de Javé.** Brasil: Bananeira Filmes; Riofilme; Globo Filmes, 2003. Filme (100 min).
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer a sociolinguística.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSTA, V. L. A. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 12, n. 12, p. 51–60, 1996. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36022>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- ECKERT, P. As três ondas da variação do estudo da variação: a emergência do significado do estudo da variação sociolinguística. Trad. Samuel Gomes de Oliveira, Lívia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268–291, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- FERRAREZI JUNIOR, C. **Pedagogia do silenciamento:** A escola brasileira e o ensino de língua materna. São Paulo: Parábola, 2014.
- FREITAG, R. **Variação linguística:** diversidade e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2025.
- GIRARDI JR., L. Pierre Bourdieu: mercados linguísticos e poder simbólico. **Revista Famecos**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. ID25978, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/25978>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- HALBWACHS, M. Memória Individual e Memória Coletiva. In: **A memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LOPES, P. **Literatura e linguagem literária.** Biblioteca Online de Ciências Da Comunicação, 2010.
- SILVA, S. P.; ARCANJO, J. G.; SOUZA, H. C. B.; SILVA, R. M. S.; SOUZA, C. O.;

LUCENA, C. S.; SOARES, M. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

URBANO, H. **A frase na boca do povo.** São Paulo: Contexto, 2011.

XAVIER, I. **A experiência do cinema.** Editora Paz e Terra, 2018.